

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

PARINTINS  
2017

LUANA PANTOJA MEDEIROS

**LINGUAGEM E GÊNERO: AS PRÁTICAS SOCIOLINGUÍSTICAS DAS  
MULHERES DO PT DE PARINTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito a obtenção do título de grau de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Professor Mestre Franklin Roosevelt Martins de Castro

PARINTINS

2017

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

LUANA PANTOJA MEDEIROS

### **LINGUAGEM E GÊNERO: AS PRÁTICAS SOCIOLINGÜÍSTICAS DAS MULHERES DO PT DE PARINTINS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito a obtenção do título do grau de Licenciatura em Plena em Letras Língua Portuguesa, pela seguinte banca examinadora:

---

Professor Mestre Franklin Roosevelt Martins de Castro  
Orientador- Setor de Linguística do Curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas.

---

Professora Doutora Gleidys Meyre da Silva Maia  
Setor de Literatura no Curso de Licenciatura Plena em letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas.

---

Professora Mestre Dilce Pio do Nascimento  
Setor de Literatura no Curso de Licenciatura Plena em letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas.

Parintins, 08 de dezembro de 2017

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico o resultado deste trabalho de conclusão de curso a todas as pessoas que acreditam, assim como eu, que escolher ser professor nos dias atuais, é um dos mais belos gestos de amor ao próximo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador Franklin Roosevelt Martins de Castro, pelas orientações, amizade e atenção. Pelos ensinamentos de vida e por me encorajar a enveredar por um caminho tão difícil, que é a filosofia de gênero. Agradeço as suas belas palavras em se referir ao resultado desta pesquisa como uma “voz no deserto”.

Agradeço pelo amor incondicional de meus pais, Edna Silva Vasconcelos e Edmilson dos Santos Pantoja, e de meus irmãos, Monique Pantoja, Ana Carla Pantoja e Elton Pantoja. Sempre me conduziram a seguir o caminho da justiça e da felicidade.

Agradeço pelo amor de minhas filhas, Sophia Pantoja Gama e Giovana Pantoja Gama. Agradeço o bem que me fazem e pelo riso que colocam todos os dias em meu rosto. Elas me ensinaram o sentido da vida, da força, da coragem e a sonhar com dias melhores.

Agradeço pelo amor de meu esposo Alessandro Melo Medeiros. Pela luz que foi na minha escuridão, pelo companheiro e amigo que foi para mim nos dias mais difíceis. E por ter me mostrado o caminho a seguir para ser a mulher livre e feliz que sou hoje.

## RESUMO

Esta monografia se propõe em analisar a possibilidade do gênero feminino se revelar a partir das interações socioculturais das mulheres na comunidade de prática do Partido dos Trabalhadores (PT), do diretório de Parintins. Como objetivos específicos, investiguei o que implica relações de poder nesta comunidade de prática, e como se estabelece a relação de linguagem e gênero. Os teóricos que formam a base da minha pesquisa são Simone de Beauvoir em sua obra *O segundo sexo* (1949), que traz a refutação do sexismo biológico. A segunda autora é Judith Butler em sua obra *Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade* (2015), a autora pontua suas concepções sobre a problemática gênero em um contexto atual da qual ela mostra seu posicionamento, que aponta para um questão já despreendida da biologia. Outro autor que trago como base teórica principal deste trabalho é Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2007), em que o autor afirma em sua tese que a mulher é uma construção do imaginário masculino. Trago também Eni Orlandi em *A linguagem e seu funcionamento* (2011), obra em que a autora reflete sobre a semântica discursiva como análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva. Para chegar ao objeto desta pesquisa, adotei o tipo de pesquisa qualitativa e o método etnográfico que me permitiu adentrar no campo das relações de comunicação no seio da comunidade de prática. Esta pesquisa revelou aos meus questionamentos que é possível o gênero feminino se revelar na linguagem, o que foi indicado pela memória discursiva das mulheres, através de um discurso que só mulheres podem reproduzir na alteridade. O que implica as relações de poder nesta comunidade de prática, não é sexo-gênero, mas outras condições externas a estes fatores, nem todas as Marias demonstraram características de um sujeito feminista; algumas ainda se mantêm resignadas, passivas e omissas. Relações de poder implica posição de prestígio, aquela que fala bem, aquela que conhece as leis, aquela que têm um status social elevado. Os resultados também nos revelou mulheres e sujeitos políticos cujos posicionamentos e deslocamentos de seus corpos ainda são incapazes de uma emancipação. As mulheres dessa comunidade de prática, reproduzem os elementos que conduzem as interferências do problema do corpo e do sexismo biológico em si.

**Palavras-Chave:** Linguagem e gênero; Feminismo e relações de poder; Práticas socioculturais; Comunidade de prática.

## Abstract

This monograph proposes to analyze the possibility of the female gender to be revealed from the sociocultural interactions of women in the community of practice of the Workers' Party (PT), in the Parintins' directory. As specific objectives, I investigated what implies power relations in this community of practice, and how the relationship of language and gender is established. The theorists who form the basis of my research are Simone de Beauvoir in her work *The Second Sex* (1949), which brings the refutation of biological sexism. The second author is Judith Butler in his book *Problems of gender, feminism and subversion of identity* (2015), where the author punctuates her conceptions about the problematic gender in a current context of which it shows her positioning, that points to a question already detached from the biology. Another author I bring as the main theoretical basis of this work is Pierre Bourdieu in *The Male Domination* (2007), in which the author affirms in his thesis that the woman is a construction of the male imaginary. I also bring Eni Orlandi in *The Language and its Function* (2011), a work in which the author reflects on discursive semantics as a scientific analysis of the processes characteristic of a discursive formation. In order to arrive at the object of this research, I adopted the type of qualitative research and the ethnographic method that allowed me to enter into the field of communication relations within the community of practice. This research revealed that it is possible for the female gender to reveal itself in language, which was indicated by women's discursive memory, through a discourse that only women can reproduce in otherness. What implies power relations in this community of practice is not sex-gender, but other conditions external to these factors, not all *Marys* have demonstrated the characteristics of a feminist subject; some still remain resigned, passive and omitted. Power relations implies a position of prestige, one that speaks well, one that knows the laws, one that has a high social status. The results also revealed us women and political subjects whose positions and displacements of their bodies are still incapable of emancipation. Women in this community of practice reproduce the elements that drive the interference of the body problem and biological sexism itself.

Keywords: Language and gender; Feminism and power relations; Sociocultural practices; Community of practice.

## Sumário

INTRODUÇÃO: Descortinando a problemática.....	8
1. Percursos metodológicos.....	11
2. Dialogando com os teóricos .....	14
3. Uma crítica sobre sexismo biológico: de Beauvoir a Bourdieu .....	16
4. Jacques Derrida: a desconstrução teórico-crítica da linguagem no discurso patriarcal .....	20
5. Linguagem e gênero .....	24
6. Prática discursiva.....	26
7. Descortinando linguagem e gênero .....	28
Cena II: A militante e a mulher frágil?: companheirismo em uma conversa informal .....	30
Cena III: O corpo sexualizado a mercê da dominação masculina? .....	31
Cena IV: Posicionamento e o poder: “ Machistas não passarão” .....	33
Cena V: A mulher e o poder da palavra.....	34
Cena VI: Quem fala, quando fala e onde fala.....	37
8. Quando as cortinas ainda não se fecham.....	38
9. REFERÊNCIAS.....	40



## LINGUAGEM E GÊNERO: AS PRÁTICAS SOCIOLINGÜÍSTICAS DAS MULHERES DO PT DE PARINTINS

### INTRODUÇÃO: Descortinando a problemática

Para situar o ponto de partida que deu início a meu trabalho de conclusão de curso, irei pontuar aqui algumas questões que nortearam minha pesquisa e que surgiram a partir das minhas inquietações diante de uma “problemática”, a questão de gênero e do feminino, e como isso influencia nas práticas sociolinguísticas das mulheres do PT de Parintins.

Esta problemática despertou em mim um olhar filosófico e ao mesmo tempo uma inquietação pessoal, tanto pelo fato de eu ser mulher, quanto pelo meu envolvimento no ativismo social, nas questões sociais que dizem respeito aos direitos das mulheres, e suas interações verbais na tribuna da política partidária.

Ao entender a linguagem como instrumento revelador de valores e práticas socioculturais, justifico a minha pesquisa em analisar as práticas sociolinguísticas das mulheres do Partido dos Trabalhadores de Parintins, partido do qual eu faço parte como militante e filiada há um ano. O PT é uma comunidade de prática, nós mulheres somos atuantes, com vez e voz, e também disputamos o mesmo espaço da tribuna com os homens; o que eu não chamaria neste primeiro momento de duelo inglório, mas uma subversão de identidade, em que mulheres saem de seus lares para falar de política, para discutir sobre problemas sociais da cidade em que vivemos, bem como da política a nível nacional.

Minha preocupação foi investigar a questão de linguagem e gênero feminino e elucidar como se estabelece a influência social e cultural neste processo entre sociedade humana e a forma como este utiliza a linguagem. Partindo desta premissa, amplia-se a concepção da noção de contexto no qual os sujeitos são vistos como agentes, construtores sociais e históricos de sua própria competência comunicativa.

Nesta pesquisa, retomei o ambiente de comunicação que chamarei de comunidade de prática em que as mulheres estão inseridas, pois é através deste ambiente que estas mulheres se representam internamente, como fonte de informação para a mente individual. A cultura e a vida social faz parte deste ambiente que investiguei. Esta pesquisa é de extrema relevância para compreendermos como a linguagem das mulheres

pode carregar toda uma dimensão cultural, social e histórica de seu gênero subvertido como ato político.

O objetivo geral desta pesquisa se limitou em analisar a possibilidade do gênero feminino se revelar a partir das interações socioculturais das mulheres na comunidade de prática do Partido dos Trabalhadores (PT), do diretório de Parintins. Como objetivos específicos; O que implica relações de poder nesta comunidade de prática; Como se estabelece a relação de linguagem e gênero.

Os teóricos que formam a base da minha pesquisa são Simone de Beauvoir em sua obra *O segundo sexo* (1949), que traz a questão do sexismo biológico, um problema que a autora refuta a partir de dados da biologia e limita-se em denunciar, de forma destemida, a falsa concepção de *ser mulher*, forjada por uma sociedade predominantemente heterossexista e patriarcal. A segunda autora é Judith Butler em sua obra *Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade* (2015), a autora pontua suas concepções sobre a problemática Gênero em um contexto atual da qual ela mostra seu posicionamento que aponta para um questão já despreendida da biologia, fazendo uma exposição de gênero que está para além da biologia neste ponto, concordando com Beauvoir, mas também que está para além da cultura e de outros elementos que possam conduzir a pensar a questão como um mero determinismo. Para Butler, gênero implica em performances e atos políticos inerentes a quaisquer outras questões exteriores.

Outro autor que trago como base teórica principal deste trabalho é Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2007), em que o autor afirma em sua tese que a mulher é uma construção masculina. A mulher é um projeto do imaginário coletivo masculino, e todos passam a reproduzir este modelo ideal de mulher, a família, inclusive, o Estado e a sociedade. Trago também Eni Orlandi em *A linguagem e seu funcionamento* (2011), obra em que a autora reflete sobre a semântica discursiva como análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, que deve dar conta da articulação entre o processo de produção de um discurso e as condições em que ele é produzido.

Judith Butler (2015) lança a problemática: haverá “um” gênero que as pessoas possuem, conforme se diz ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta “Qual é o seu gênero?”. Para nos situarmos sobre esta questão filosófica, problema de gênero, precisamos entender: O que é gênero? E a partir dessa problemática eu questiono: O gênero feminino pode se apresentar na linguagem? O gênero feminino implica performances de fala diferenciada do masculino? Linguagem e

gênero implicam em relações de poder? Para responder estes questionamentos precisamos compreender e situar o problema.

Anterior ao questionamento de Butler, Beauvoir já indagava sobre a questão do feminino, contestando que a função da fêmea não basta para defini-la - “se nos recusamos também a explica-la pelo “eterno feminino” e se admitimos, ainda que provisoriamente que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: que é uma mulher?” (2015, p.28).

O problema de gênero como conceito científico vem ganhando significativo espaço nos meios acadêmicos, e está intrinsecamente ligado à história do movimento feminista, o qual surge primeiramente nas cidades ocidentais, em meados do século XIX, e uma das suas principais reivindicações era o chamado sufrágio em prol do voto feminino, que a partir disso passou a se pensar na condição feminina em uma forma mais ampla, que vai desde o direito a salários equiparados aos dos homens, até chegar na questão do aborto. No Brasil, a discussão de gênero chega aos finais dos anos 80:

A primeira geração representa o surgimento do movimento feminista, que nasceu como movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens. A segunda fase do feminismo ressurgiu nas décadas de 1960 e 1970, em especial nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649).

O que vemos no movimento feminista contemporâneo são as transformações que se originaram a partir do primeiro feminismo, o original. Este primeiro feminismo foi construído de uma sociedade predominantemente intelectual, branca e de classe média. Esta perspectiva diferencia-se do contemporâneo que se configura em discursos de várias tendências, mas de base comum. “As feministas destacam que a opressão de gênero, de etnia e de classe social perpassa as mais variadas sociedades ao longo dos tempos” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649).

A pesquisa das autoras Martha Narvaz e Helena Koller *Metodologias feministas e Estudos de Gênero (2006)*, publicada pela revista “Psicologia em Estudo”, de Maringá, nortearam meu trabalho ao passo que as autoras utilizam como referência, a filosofia de Butler para situar a problemática, e, portanto utilizei também a referência desta pesquisa para nortear as minhas questões.

## 1. Percursos metodológicos

Ao entendermos os discursos performáticos como um ato político, justifico esta pesquisa em analisar as práticas sociolinguísticas realizadas pelas mulheres filiadas ao Partido dos Trabalhadores do diretório Parintins. As mulheres que compõem o diretório do PT nem todas são filiadas, algumas são simpatizantes, outras possuem uma relação bem íntima no processo de construção do diretório, como sócias fundadoras. Essas mulheres possuem um perfil marcado pelo enfrentamento político social, algumas delas são presidentes de associações de bairros, professoras do magistério superior e secundário, algumas são trabalhadoras rurais, e nessas comunidades rurais possuem perfil de liderança política, assim como também donas de casa e estudantes, todas possuindo em maior ou menos grau, envolvimento em movimentos sociais.

É importante salientar que nesta comunidade de prática, nem todas possuem o mesmo grau de instrução, e não dispõem dos mesmos meios materiais para acompanhar leituras mais aprofundadas, para compreender a ideologia do partido, que é basicamente da esquerda marxista, mas há um entendimento comum que fazem a respeito do partido, o entendimento geral é que este seja o partido que mais representa o pobre em nosso país.

O conceito de comunidade de prática desenvolvido no trabalho de Eckert sobre a proposta de Jean Laver e Etienne Wenger suscita a noção de que práticas sociais se correlacionam com o lugar individual. O conceito de comunidade de prática, neste sentido, é retirada da noção de comunidade e sua caracterização em termos de localização ou população, definindo assim uma comunidade pelo seu engajamento social.

Comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder, práticas sociais, emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento.

Como construto social, uma comunidade de prática é diferente da noção tradicional de comunidade, sobre tudo porque é definida simultaneamente pelos seus participantes e pela prática na qual eles se engajam. Na verdade, são as práticas da comunidade e a participação diferenciada de seus membros nessas práticas que se estruturaram socialmente a comunidade. (ECKERT; MCCONNELL-GINE, 2010, 102).

As várias formas de posicionamentos estabelecem a relação de discurso performático, são aqueles que se moldam a partir do ambiente de prática, contexto, situação e lugar de fala. Uma vez a palavra dita, ocasiona o posicionamento dessas mulheres diante de situações importantes a nível social para a sua comunidade.

Nesta pesquisa, retomo o ambiente de comunicação em que nós, mulheres, sendo filiadas ou simpatizantes do partido, temos o direito a fala, voz e voto, no caso de assembleias extraordinárias, bem como outras reuniões formais ou informais que exijam posicionamento das filiadas e simpatizantes.

Esta pesquisa é de extrema relevância para compreendermos como o discurso de nós mulheres, define as marcas de posicionamento, sexo, gênero no contexto social, nossos níveis de compreensão de problemas sociais, modos de pensar o mundo e se posicionar diante dele de diferentes maneiras, apesar de sermos filiadas ao um partido cuja ideologia é a mesma.

Para chegar ao objeto desta pesquisa, adotei o tipo de pesquisa qualitativa e o método etnográfico que me permitiu adentrar no campo das relações de comunicação. Como pesquisadora, também sou filiada ao partido, e participo diretamente do grupo social estudado. A prática etnográfica responde a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma “inter-relação entre pesquisador e os sujeitos pesquisados que interagem no contexto correspondendo a técnicas de pesquisa que são singulares ao método de pesquisa qualitativa”. (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 01), bem como os mecanismos que este tipo de pesquisa possibilita ao pesquisador “aprofundar-se no mundo dos significados das ações humanas” (MINAYO, 2001, p. 22).

Utilizei como técnica e instrumentos de pesquisa, 1. *Observação Sistemática e Participante*, pois me permitiu interação verbal e contato direto com a comunicação em seu pleno funcionamento na linguagem. A investigação direta é, por sua vez, a técnica mais apropriada para observar os saberes e as práticas da vida social e reconhecer as ações e representações da vida cotidiana. 2. *Pesquisa Bibliográfica* que dispôs de um material para auxílio na compreensão e análise da pesquisa empírica, bem como compreender os nuances da análise do discurso no campo das relações de gênero. 3. *Diário de Campo* para o registro das informações recolhidas na comunidade prática, no processo de comunicação de fala não vigiada *in loco*, conversas informais e entrevistas não gravadas, assim como as interações no grupo de whatsapp.

Os parâmetros e categorias da Análise do Discurso foram escolhidos para interpretar os enunciados e as cenas de fala, uma vez que é uma área que trabalha em

conjunto com a Sociolinguística que estuda a língua em seu uso no seio das comunidades de fala, “voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2015, p. 9). Assim a Sociolinguística, em uma perspectiva pragmática, se faz presente no seio interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade.

As interações relevantes para esta pesquisa são aquelas que incidem nas formas de posicionamento discursivo que as mulheres desempenham no seio da comunidade de prática do PT, como filiadas ou simpatizantes a este grupo político, bem como marcadores discursivos, formas de tratamento, de posicionamento e questionamentos que incidem em identidade e relações de poder. Não utilizarei os nossos nomes verdadeiros, adotei nomes fictícios, e todas serão denominadas “Marias”. Por conseguinte, analiso os enunciados, por cenas, indicando os marcadores discursivos de gênero e o léxico das interações verbais da minha comunidade de prática.

Sobre as cenas de enunciação, afirma Costa (2013), é preciso ficar claro neste contexto que a ideia da linguagem e ação não invalida aquela que segundo a qual a enunciação representa o mundo, desde que se entenda a representação como estando a serviço da ação sobre o mundo; se algum modo a linguagem representa o mundo, este não é um mundo estanque, acabado e pré-existente a própria linguagem. O autor afirma que a enunciação supõe três cenas:

A cena englobante, que confere estatuto pragmático ao discurso, integrando-se em um tipo: publicitário, administrativo e filosófico; a cena genérica; aquela relacionada ao gênero ou subgênero de discurso no qual a enunciação está investida: o editorial, o sermão, a receita culinária, a consulta médica. A cenografia. A cena construída pelo próprio texto. (MAINGUENEAU apud COSTA, 2013, p. 37).

Podemos então dizer que as cenas são representações de alguns dos contextos que vivemos anteriormente e por isso o contexto de enunciação se inscreve na própria enunciação através da encenação. A ideia de cena sai da dramaturgia para ser percebida em qualquer evento enunciativo seja oral, verbal ou não verbal, ou escrito.

Neste espaço de enunciação, onde a acontece a encenação de um evento comunicativo implica papéis enunciativos, revelando alguém que fala, e porque fala, o que fala, o que pode ser dito ou não dito, dependendo desse cenário enunciativo, ou local de fala, e que não é mero receptor, mas um sujeito do qual existe a partir da enunciação.

Nem sempre as Marias, as atrizes discursivas deste trabalho, irão falar no espaço da minha comunidade de prática, neste caso, uma reunião do partido; porém, suas práticas discursivas revelarão o léxico que está ligado às suas práticas sociais e culturais, porque a memória se materializa no discurso.

## **2. Dialogando com os teóricos**

Judith Butler traz a questão de gênero em um debate contemporâneo a partir da diluição da relação binária de sexo-gênero, desnaturaliza-se o gênero do aspecto biológico. O gênero passou a ser uma categoria relacional e política. Segundo a autora, gênero é um “ato performático” como um efeito produzido ou gerado:

Essa definição resgata a noção de processo e de construção singular de cada sujeito, dentro de um campo situado de possibilidades que é reafirmado ou renegociado através de sucessivas performances (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 650).

Para a autora, pensar sobre gênero como passivo às leis culturais, é criar um determinismo cultural que também nos faz cair em um equívoco tal qual a formulação de que a biologia é um destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. O problema proposto por Beauvoir em *O Segundo Sexo*, de que o gênero é “construído” há um agente implicado em sua formulação de que algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro.

Beauvoir diz claramente que alguém se “torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do “sexo”. Não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessária mente fêmea. Se, como afirma ela, “o corpo é uma situação”, não há como não recorrer a um corpo que já não tenha sido interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. Sem dúvida será sempre apresentado, por definição como tendo sido desde o começo. (BUTLER, 2003, p. 29).

Butler, como leitura de Beauvoir, afirma que na tese trazida em *O Segundo Sexo*, não há nada que comprove que quem torna-se mulher, necessariamente seja uma mulher, e também nada explica que o ser que vem a se tornar mulher esteja à mercê de influências internas como a cultural ou da sociedade. A crítica de Butler sobre a questão de gênero se situa na contemporaneidade, utilizando e refutando ao mesmo tempo a tese de Beauvoir.

Na contemporaneidade, nascem novas concepções sobre gênero, e essas novas teorias de pensar gênero abandona o essencialismo do sujeito que define, entre outras categorias, a “mulher”; não mais havendo sexo natural nem uma única forma de *ser mulher* ou homem. Para Butler (2003, p. 213), mulher é um falso e unívoco substantivo que disfarça e restringe uma experiência de gênero variada e contraditória. A unidade da



categoria mulheres não é nem pressuposta nem desejada, uma vez que fixa e restringe os próprios sujeitos que liberta e espera representar.

A autora conceitualiza gênero sendo performances adotadas pelos indivíduos, que estão para além da biologia e da cultura, por isso é um ato político. Escolhi trabalhar com o conceito de gênero da autora porque não acredito na relação única e exclusivamente binária de representar gênero. Os valores culturais e os dados da biologia não são suficientes para a distinção sexo-gênero.

### **3. Uma crítica sobre sexismo biológico: de Beauvoir a Bourdieu**

Simone de Beauvoir, ao iniciar sua crítica sobre a questão da opressão que a mulher sofria, e sofre até os dias atuais com relação à posição de prestígio que os homens ocupam em sociedade, desconstrói os mitos do que ela chamou de *sexismo biológico*, em que procura evidenciar e delinear a partir dos dados da biologia o que seriam fatos e mitos com relação ao corpo da mulher, e o que se entende por *ser mulher*.

É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir.

Segundo Beauvoir, a humanidade é dividida em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais ou talvez se destinem a desaparecer, mas por enquanto elas existem com uma evidência total.

O sujeito só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; “a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana”. (BEAUVOIR, 1980, p.57).

A ideia de um destino pré-determinado tentaria legitimar o discurso de *má fé* ao atribuir uma essência à mulher, e criar um lugar definido, um destino que a determina e a fixa em uma situação de não transcendência ao pretender criar um destino fisiológico, psicológico, econômico e social para a mulher. Beauvoir, portanto, identifica e refuta essa ideia que tenta bloquear a liberdade da mulher.

O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. "A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades". (BEAUVOIR, 1967, p. 11).

A mulher, está confinada no seu sexo, é uma matriz, tem útero e ovários, logo ela é dócil e frágil. A mulher não tem testículos, o que para os homens é o símbolo de sua masculinidade e virilidade, logo estaria biologicamente determinada à maternidade e aos cuidados do lar, ao espaço privado. O problema reside na afirmação de que por ter úteros e ovários a mulher seria inferior, em sentido político, moral ou mesmo intelectual, em

relação ao homem. Essas significações hierarquizadas diante das diferenças sexuais colocam a mulher numa situação de desvalorização permanente perante o homem.

A constituição da sexualidade enquanto tal (que encontra sua realização no erotismo) nos fez perder o senso da cosmologia sexualizada, que se enraíza em uma topologia sexual do corpo socializado, de seus movimentos e seus deslocamentos, imediatamente revertidos de significação social- o movimento para o alto sendo, por exemplo, associado ao masculino, como a ereção, ou a posição superior no ato sexual. (BOURDIEU, 2007, p. 16).

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos, é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres “é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos”. (BOURDIEU, 2007, p. 18).

Neste sentido, a mulher é uma construção masculina. A mulher é um projeto do imaginário coletivo masculino, e todos passam a reproduzir este modelo ideal de mulher, a família, o Estado e a sociedade, este último, manipula controla e forja a condição feminina. Pode ocorrer que a própria mulher possa reproduzir estes modelos de se por ao mundo, presa em uma forma, em uma condição que irá determinar todos os ciclos de sua vida e em todos os aspectos, inclusive na velhice. A mulher, nesse momento, passará a reproduzir a violência que a oprime.

A divisão sexual dos corpos, segundo Bourdieu (2007), é a concordância entre as estruturas objetivas e cognitivas que as conforma em uma divisão forjada como natural, ignorando assim as condições sociais e suas possibilidades, reconhecendo como legítimas essas condições arbitrárias, o que é arbitrário não tem natureza fixa.

Tanto para Beauvoir quanto para Bourdieu, a diferença biológica entre os sexos, masculino e feminino, servem como justificativa forjada para uma possível “diferença natural”, socialmente construídas entre os gêneros, inclusive a divisão social e do trabalho, o lugar de prestígio e o lugar subalterno. Biologicamente, os dois traços que caracterizariam a mulher seriam os seguintes: seu domínio sobre o mundo que seria menos extenso que o do homem; e sua maior submissão à espécie.

Segundo Beauvoir, a categoria de gênero não possui fundamento se está fundada na biologia, pois o sexo não é capaz de definir a mulher; sendo a mulher um indivíduo, ela também se volta ao mundo porque é escolhendo-se por meio do mundo que o indivíduo se define.

#### **4. Jacques Derrida: a desconstrução teórico-crítica da linguagem no discurso patriarcal**

Derrida foi um importante filósofo do século XX que fundamentou a corrente teórico-crítica denominada de desconstrução, em torno da qual coadunam-se questões filosóficas, metafísicas, linguísticas e até feministas:

O trabalho empreendido por Jacques Derrida e que recebeu, muitas vezes, o título de Desconstrução [...] coloca sob suspeita os discursos da Filosofia e das Ciências Humanas, da Literatura e da História, da Fenomenologia e da Psicanálise, ao questionar, inclusive, o próprio conceito clássico de ciência. Nesse sentido, “textos” de Husserl, Heidegger, Levinas e, também, de Mallarmé, Artaud, Joyce, Bataille, ou, ainda, de Saussure, Freud e Lacan serão “desconstruídos” por Derrida (PEDROSO JÚNIOR, 2010, p. 10).

Como não se trata aqui de uma análise mais aprofundada do pensamento derridiano, vou me concentrar em dois pontos: a desconstrução enquanto análise teórico-crítica a partir do qual se propõe a desconstrução do falocentrismo; e como, a partir dessa crítica, Derrida abriu caminho para uma escrita feminina que libertasse as mulheres da linguagem masculina governada pelo falo.

Falocentrismo é um neologismo cunhado por Jacques Derrida para se referir à postura, convicção ou comportamento baseados na ideia da superioridade masculina, simbolizada no falo. O falocentrismo é uma combinação das palavras falocentrismo e logocentrismo. O falocentrismo enquanto uma doutrina ou crença centrada no falo e, por conseguinte, em uma suposta superioridade do sexo masculino tem suas raízes na psicanálise; e logocentrismo designa a centralidade do logos (do discurso racional) no pensamento ocidental.

A psicanálise tem origem no sofrimento das mulheres, que a medicina oficial não pôde oferecer um tratamento adequado por não conseguir identificar uma origem biológica para suas dores com respeito ao que ficou conhecido como as histerias. “Foi justamente a transposição do sofrimento corporal feminino em linguagem – pelas históricas tratadas por Freud – que possibilitou uma nova maneira de trilhar um percurso e emergir uma nova visão da especificidade da feminilidade” (VASCONCELOS, 2015, p. 11).

Através do estudo da histeria e das mulheres acometidas por essa manifestação Freud iria não só desvendar o mundo do inconsciente, como também desenvolver o que

podemos chamar de uma “visão falocêntrica da mulher”, ou seja, o falocentrismo ou androcentrismo de Freud designa a origem, ou pelo menos o desenvolvimento do feminino, a partir do masculino ou, como afirma Molina (2011, p. 14): o feminino como objeto de questionamento à psicanálise é entendido como “subformação do seu suposto inverso, o masculino”. Na psicanálise o falo é tomado como principal ponto de referência e a mulher é sempre olhada com base na sua relação ao homem.

Apesar de sua genialidade, Freud é ainda um homem de sua época, que vive em uma Viena dominada pelo espírito vitoriano e pelo universo masculino que irão influenciar Freud em suas teorias psicanalíticas a partir da dominação do falocentrismo. Freud é filho de uma época de avanços e retrocessos, de uma época que titubeia entre o conservadorismo e as forças progressivas:

[...] Se Freud foi reconhecidamente um homem de seu tempo, tendo a sagacidade e a sabedoria para perceber e escutar um sintoma da época – a histeria – parece não ter conseguido levar adiante sua escuta do feminino, sucumbindo à falocracia que silenciava e sufocava a mulher (MOLINA, 2011, p. 16).

O fato é que, conservador, progressista ou a meio termo de ambos, Freud construiu uma teoria psicanalítica em torno da sexualidade em que o falo é dominante. Fato que foi acompanhado de perto por um de seus mais proeminentes seguidores: Jacques Lacan, cuja teoria psicanalíticas se baseiam na autopresença da autoridade fálica.

É a partir do próprio Lacan que Derrida inicia o seu processo de desconstrução da linguagem centrada no discurso patriarcal. “Derrida concordava com Lacan em que feminilidade e masculinidade estão inseridas no significado das palavras; todavia, não só há um meio para a mulher espertamente subverter a ordem hierárquica do simbólico como pode ela também divertir-se com isso” (NYE, 1995, p. 224). Derrida procurou oferecer uma alternativa ao modelo de linguagem falocêntrico mostrando como a mulher poderia deslocar o pensamento patriarcal.

Essa nova “prática textual” feminista é mais bem exemplificada na obra de duas escritoras francesas, Luce Irigaray e Hélène Cixous. Na obra de ambas é possível perceber a influência de Derrida [...] Irigaray e Cixous juntaram-se a Derrida na rejeição do logocentrismo (NYE, 1995, p. 225)

Mas em que consiste esse processo de desconstrução? Consiste em uma fala ou escrita feminina que liberte a mulher da linguagem governada pelo falo. Romper com a

lógica da escrita masculina ao mesmo tempo em que denuncia que não há palavras neutras onde o componente semântico é predominantemente masculino. Vejamos alguns exemplos.

A palavra masculina para designar o solteiro tem uma conotação bem distinta da solteirona. Enquanto que no primeiro caso pode ser sinônimo de requinte, no segundo caso pode representar sinônimo de fracasso ou de falta de atração<sup>1</sup>. A própria palavra mulher, em si, pode denotar um sentido de menosprezo e inferioridade, quando um homem se refere ao outro como mulherzinha.

Títulos são outra maneira pela qual a diferença masculino/feminina é codificada na linguagem. Cada indivíduo deve ser tratado como masculino (sr.) ou feminino (sra./srta.). Mais uma vez a diferença é assimétrica: o estado civil da mulher é codificado, mas não o do homem, refletindo a expectativa de que a identidade da mulher depende da de seu marido (NYE, 1995, p. 208).

Na linguagem fálica ou no logocentrismo a marca dominante é a de que o macho é sempre o positivo enquanto que a fêmea é o negativo. Além disso, as “categorias linguísticas de sujeito masculino e objeto feminino são refletidas na filosofia, o sujeito masculino tornando-se o Sol em torno do qual a Terra feminina gira” (NYE, 1995, p. 228).

Um outro exemplo criticado frequentemente no sexismo linguístico é o emprego genérico de “homem”: “evolução do homem”, “direitos do homem” e outras expressões semelhantes indicam que ser propriamente humano é ser masculino.

Esses e outros exemplos fizeram com que as linguistas feministas concluíssem como a diferença de sexos acha-se embutida no uso que se faz da linguagem e como o componente semântico da dominância é masculinizado e a inferioridade das mulheres é codificada na linguagem.

Nesse sentido a análise teórico-crítica desconstrucionista derridiana, com ênfase no falocentrismo, tem importantes contribuições a oferecer em torno das questões de gênero com gênese na linguagem.

Qualquer crítica desconstrucionista do patriarcado deve ser também uma crítica da linguagem e mais até, qualquer crítica da linguagem que não atinja as raízes

---

<sup>1</sup> Algo semelhante também é encontrado na língua inglesa em relação ao par *master/mistress*. “*Master* implica dominância e controle, mas *mistress*, em vez de dominância e controle, sugere uma mulher teúda ou objeto sexual” (NYE, 1995, p. 206).

ideológicas do funcionamento gramatical e semântico corre o risco de permanecer superficial e impotente para corrigir o sexismo gerado na linguagem.

Ao proceder a crítica do pensamento patriarcal defende-se que a linguagem exige um novo “estilo” feminino, um outro feminismo, com implicações sociolinguísticas, culturais e identitárias (enquanto prática de significação submetida ao jogo da linguagem).



## 5. Linguagem e gênero

Nos últimos vinte anos, estudos sobre linguagem e gênero têm observado diferentes dimensões no uso da língua e especificamente sobre o papel do poder nessa relação. Há muitos estudos no campo da variação sexo-gênero, alguns destes estudos têm apontados para significativas diferenças nas formas linguísticas entre homens e mulheres. A relação binária entre os sexos masculino e feminino, nesta perspectiva apontam para uma heterogeneidade da língua.

A partir deste ponto de vista existe uma discussão entre os sociolinguistas, de que homens e mulheres não falam da mesma maneira e essa diferenciação, é tida como “um dos fatores que compõem a heterogeneidade da linguística” (ROLO; MOTA, 2012, p. 07). Ainda nesta mesma perspectiva, Mollica (2007, p. 34) observa que é perceptível em estudos sociolinguísticos que pessoas do sexo feminino tendem a usar em seu vocabulário uma linguagem mais próxima da linguagem formal.

Segundo os estudos de Bortoni- Ricardo (2004, p. 47), a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina, as mulheres tendem maior preferência pelas variantes linguísticas prestigiadas socialmente. Em uma perspectiva mais ampla, a mulher tende a língua formal, ao passo que os homens estão para uma linguagem mais desprezada e, supostamente marcada pelos chamados palavrões e gírias.

Os estudos de fatores extralinguísticos possibilitam a observação das variações linguísticas em língua não formal através do constatado em pesquisas nessas áreas que existe uma relação da língua falada de um indivíduo com o ambiente em que está inserido. “A língua pode ser um fator extremamente importante na identificação dos grupos, em sua configuração, como também uma maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade” (TARALLO, 2007, p. 14).

Nesta lógica, a linguagem tem sido vista como um recurso da dominação masculina. Para Penelope Eckert (2010, p. 94) há uma necessidade de se observar de forma mais próxima essas relações pois, abstrair gênero das práticas sociais, que produzem suas formas particulares em determinadas comunidades, obscurece, e às vezes distorce os modos pelos quais se conectam, e o modo como essas conexões estão implicadas em relação de poder.

Dissociar gênero e linguagem das práticas sociais é apagar a relevância que essa interação têm para compreendermos como essa relação se mescla com outros fenômenos

simbólicos e sociais. Abstrações que separam os elos concretos entre linguagem e gênero das práticas sociais das comunidades matam o poder que reside nesses elos e dele deriva.

As diferenças de gênero não existem na composição desses estudos supostamente implementados na sociolinguística entre as categorias homens e mulheres. Nesse caso, todas as mulheres refletem a concepção heterossexual, refletindo o conservadorismo, consciência de prestígio, mobilidade ascendente, insegurança, sensibilidade com relação aos outros. A linguagem do homem, o poder e o prestígio.

A linguagem é abstraída das relações sociais, das práticas linguísticas, as interações e os eventos são abstraídos da história comunitária e da prática social. A ideia que difunde e expande as noções das várias possibilidades de gênero consideradas pela autora, e relevantes para mim enquanto mulher, pesquisadora e agente político, na construção desse trabalho, e que me levaram a trabalhar os seus conceitos, foi a responsabilidade social e política em relação ao modo como este trabalho é compreendido e utilizado especificamente devido ao que tange o sexismo, racismo, elitismo, heterossexismo.

Para analisar a intrínseca relação de linguagem gênero, portanto, é preciso conceber as relações de poder que ela implica, sobretudo, é necessário analisar microsociologicamente, o que se reproduz em um grupo de uma determinada comunidade, com as pessoas que moram na mesma casa, na organização social e econômica.

Poder e relações hierárquicas não são forças abstratas que operam nas pessoas. Poder é uma realização humana, situado na interação diária. Tanto as forças estruturais quanto as atividades interacionais são vitais para manutenção e construção da realidade social. (FISHMAN, 2010, p. 32).

## 6. Prática discursiva

Para Butler, os sujeitos sociais não são pré-existentes ao uso que fazem da linguagem em suas práticas discursivas. Só nos constituímos como sujeitos através do uso da linguagem. Assim, através das práticas discursivas, construímos determinadas performances e, quando nos deparamos com novas possibilidades, podemos renegociar nossas construções identitárias.

As identidades que construímos ao nos envolvermos nas diversas práticas de que participamos não são fixas, e são constituídas com base nessas mesmas práticas e narrativas que fazem parte da nossa vida. Ao produzirem seus discursos, a partir de certas posições discursivas, os participantes do evento discursivo produzem significados sobre si, sobre os outros e sobre a ocasião interacional.

Sobre a relevância do contexto Orlandi (2011, p. 104) afirma que; a linguística desenvolve seu projeto, de forma cada vez mais abrangente, em 3 níveis: em um primeiro momento considerou-se o que chamamos de *contexto linguístico*, isto é, um elemento em sua relação com outros, tendo em vista a estrutura da frase; em um segundo momento explorou-se a relação frase-situação e entrou no foco das atenções o *contexto situacional*.

As unidades linguísticas devem ser concebidas como unidades que se fazem históricas e que são basicamente recuperáveis na realização. Por esse caminho, pode se atingir o que é constitutivo. E nesse caminho encontramos o *discurso* (...). A semântica discursiva é a análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, que deve dar conta da articulação entre o processo de produção de um discurso e as condições em que ele é produzido. (ORLANDI, 2011, ps. 104/109).

Os tempos mudaram, e as discussões sobre gênero tem ganhado espaços significativos, mas, as mulheres ainda crescem neste mundo onde a sua imagem está arraigada como “eterna sacrificada” como quem está ainda confinada na suposta “natureza de sexo”, ainda exerce papéis definidos e pré-determinados com relação aos corpos e aos ciclos da vida. E por isso, é difícil assumir uma posição tal qual suas próprias decisões, e necessidades, transcender sua existência tem, por tanto dois lados, o peso na consciência e a liberdade. Não transcender sua existência é negar sua própria liberdade.

Paveau (2013, p. 94) contribui com essa discussão quando discorre sobre a *memória coletiva*, que é constituída de memórias plurais e de esquematizações primárias como os mitos, tanto quanto por configurações individuais. É necessário então trabalhar com dois pares conceituais: memória individual e coletiva, memória coletiva e social. A

divisão entre memória individual e coletiva é suplantada por uma distinção entre memória coletiva e memória histórica, neste contexto a mulher que se levanta como sujeito protagonista do feminismo é atravessada pela memória histórica, a história das mulheres que se levantaram contra um falso determinismo, a memória social e coletiva de mulheres marcadas pela injustiça social determinada pela biologia.

Deste falso equívoco, em uma perspectiva mais abrangente, implicam as relações de poder, que traçados por Dijk (2012, p. 42), revela que é uma forma de controle social se sua base for constituída de recursos socialmente relevantes. Em geral, o poder é intencional ou involuntariamente exercido por A, a fim de manter o implicar a base de poder de A ou para evitar que B a tome. Em outras palavras, o exercício de poder por A atende geralmente aos interesses de A.

O exercício e a manutenção de poder social pressupõem uma estrutura ideológica. Essa estrutura, formada por cognições fundamentais, socialmente compartilhadas e relacionadas aos interesses de um grupo e seus membros, é adquirida, confirmada ou alterada, principalmente por meio da comunicação e do discurso. (DIJK, 2012, p. 43).

As práticas sociolinguísticas implicam relações de poder pois segundo Charaudeau (2008, p. 16) Todo ato de linguagem emana de um sujeito que apenas pode definir-se em relação ao outro, segundo um princípio de alteridade, sem a existência do outro, não há consciência de si, este sujeito que se revela na alteridade, vai revelar também o poder, a partir de espaços microssociológicos.

[...] uma organização política que compreende um espaço de discussão dos objetivos a definir (tanto dos partidos, sindicatos, e outros grupos associativos quanto nas mídias), um modo de acesso à representação do poder (eleições) e modalidade de controle (no interior das diversas instituições e no exterior, por movimentos reivindicativos diversos). Vê-se que a linguagem não está ausente do desenrolar da ação política, já que esse espaço de discussão. (CHARAUDEAU, 2008, p. 18).

## **7. Descortinando linguagem e gênero**

### **Cena I: Linguagem, mulher e alteridade.**

Esta cena que será apresentada agora, aconteceu no espaço do whatsApp, e diz respeito ao posicionamento das militantes com relação às famílias de sem-terra que naquele momento ocupavam uma propriedade privada, com ameaça de despejo pelo poder público.

Maria Lúcia se posiciona:

“Companheirada, eu acho um total desrespeito com aquelas famílias, e ainda mais agora com essa nota que saiu falando sobre os sem-terra, dizendo que a “invasão é uma indústria e que precisa acabar” esse tipo de posicionamento da imprensa faz parte do projeto que está “expoliando” a classe trabalhadora atualmente. O golpe não passará. Eu estive lá dando força para aquelas mulheres e suas crianças, é muito triste a situação, eu como mãe e mulher me ponho no lugar delas, é uma angustia muito grande para uma mãe ver que seu filho não tem um lugar seguro para dormir, e outra coisa, Se morar é um privilégio, ocupar é um direito”.

Maria Lúcia é professora do magistério secundário, aposentada, é sócia fundadora de um grupo de apoio a mulheres que sofrem violência doméstica. Atualmente Maria é conselheira no conselho das Cidades e possui uma longa história de enfrentamento político na cidade. Maria é uma das fundadoras do PT em Parintins, e possui um vasto conhecimento político, de leis, e artigos que dizem respeito aos direitos humanos. Maria é uma mulher de cabelos bem curtos, de voz com entonação grave, ela diz que não gosta de maquiagem, e nas assembleias extraordinárias e manifestações de rua, sempre se apresenta em um vestido de cor vermelha e cachecol vermelho, as cores que simbolizam a esquerda marxista.

Maria Cândida se pronuncia:

“Eu também estive lá na ocupação, ela diz; eu presenciei de perto o sofrimento de cada família, só temos a agradecer a força da nossa união e da nossa luta, pois está surtindo efeito, eu me sinto cansada, mas não vou abandonar a luta, ficarei lá até tudo isso se resolver “Somos todos PT””.

Maria Cândida é filiada ao PT desde 2011, seu grau de escolaridade é o ensino médio completo, atualmente Maria Cândida é presidenta do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Parintins.

Maria Letícia se pronuncia:

“Companheiras, eu vou dar uma resposta à altura para “esse cara” se referindo ao jornalista. Será que ele não sabe o que diz a nossa constituição federal sobre o direito a moradia?”.

Maria Letícia tem 34 anos e não é filiada ao partido, milita nas ações petistas como simpatizante, Maria é doutora em educação e trabalha como professora do magistério superior, ela diz que não se esquivava a militância quando julga pertinentes as questões sociais.

O posicionamento das Marias traz a relação de alteridade, em que só uma mulher sabe dimensionar o que outra mulher pode sentir em situações de risco e vulnerabilidade, onde muitas vezes nós somos o lado mais fraco e silenciado. Esse lado fraco que demonstra muita força e resistência, é a mãe, é a mulher, é a companheira é militante. As vozes dessas mulheres não só trazem a questão de alteridade, mas também um discurso de autoridade pela consciência política que cada de seus posicionamentos revelam.

As marcas das atrizes discursivas, em maior ou em menor grau, revelam um certo tom de agressividade, que é decorrente do sentimento de injustiça que atravessa a consciência da mulher ativista social.

A fala da Maria Lúcia revela algumas marcas do léxico da linguagem desta comunidade de prática, “Companheirada”; “Classe trabalhadora”; “O golpe não passará”. “se morar é um privilégio, ocupar é um direito”. Estes marcadores discursivos revelam a memória histórica no discurso, fazendo referência a saída da presidenta Dilma Rousseff em 2014. A referência às mulheres de sua classe, “companheirada”, classe social. Revelando a mulher de consciência de classe e política, assim como força e resistência do objetivo que lhe compete enquanto militante.

Segundo Orlandi (2013, p. 49), o discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva, o sujeito é atravessado pela história, sob o modo do imaginário.

A fala da Maria Cândida revela uma mulher emotiva e fragilizada com a situação que presenciou. A frase “só tenho a agradecer a nossa união”, “força”, “luta”, “somos todos PT”, marcam o seu tipo de posicionamento que reforça a importância da união das mulheres e a relevância da sua luta política atuante junto ao partido.

A fala da nossa terceira atriz discursiva revela uma mulher de posicionamento em tom meramente agressivo, assim como também, uma mulher que tem pleno conhecimento de causa política, bem como indignação. As palavras usadas por ela, “vou dar uma resposta à altura a esse cara”, “será que ele não tem conhecimento no que diz a

constituição federal”, revelam uma mulher com consciência política e plena segurança em suas palavras, aí é a mulher militante e não a professora.

Nesta cena, as falas das Marias revelam características do gênero feminino, que conhece o dia a dia, de uma mãe, porque algumas delas são mães. É claramente a voz feminina que se opõe à masculina, assim realizando na prática discursiva a concepção da diferença biológica entre homens e mulheres.

Segundo Bourdieu (2007) o simbolismo das palavras *família* e *mãe*, para estas mulheres, nesta encenação discursiva, está submetido a um trabalho de construção social que lhes é atribuído, ao mesmo tempo convencional e motivado e assim percebido como quase natural. Ou seja, a mulher que assume o papel universal de ser a mãe e a dona de casa, marcando as características sociolinguísticas desta comunidade de prática, reforçando as características do gênero feminino segundo os princípios do heterossexismo.

## **Cena II: A militante e a mulher frágil?: companheirismo em uma conversa informal**

A cena II acontece em uma conversa informal entre duas companheiras militantes.

Maria Luíza e Maria Flor conversam sobre o envolvimento emocional nas lutas sociais. Maria Luíza diz:

“Ultimamente eu ando muito cansada e triste, parece que nossa luta nos faz carregar o peso do sofrimento de todas as pessoas que precisam do nosso apoio. A luta política desgasta a gente, mas me sinto com responsabilidade social, pois as pessoas acreditam na gente, pode ser que nossas lutas sejam suas únicas esperanças de dias melhores”.

Maria Flor responde:

“Tem que filtrar as coisas companheira, essas coisas que passamos nesses movimentos, porque a gente a gente sofre muito junto com eles, tem que filtrar e fazer alguma atividade para extravasar. Eu admiro muito você e sua força, você é muito forte, companheira, nosso sobrenome é mesmo resistência”.

Maria Luíza tem 29 anos, é filiada há um ano no PT, faz parte da Corrente Internacional Marxista, um movimento político de viés Trotskysta, onde só ela e a Maria Flor são mulheres que compõem o núcleo em Parintins. Maria Luíza é presidenta do Diretório Regional dos Estudantes e também é coordenadora de núcleo do movimento de juventude a nível nacional, chamado Juventude Revolução.

Maria Flor tem 42 anos, é filiada ao partido desde 2007, é professora do magistério secundário e faz parte da Comissão de defesa dos Direitos Humanos, é feminista e participa do movimento de mulheres Marcha Mundial das Mulheres em Parintins.

As palavras utilizadas pela Maria Luíza revelam uma militante envolvida emocionalmente com a sua rotina de enfrentamento político, “nossa luta”, “esperança” e “responsabilidade social” marcam o posicionamento da companheira, a mulher que está envolvida na causa, está cansada, e mesmo assim, reconhece a importância da luta e da responsabilidade social.

As palavras utilizadas pela Maria Flor, “é preciso filtrar”, “a gente sofre”, “eu admiro você”, “você é forte”, “somos resistência” revelam o nível de companheirismos entre as mulheres da comunidade de prática, nesta cena, uma tenta consolar e passar força para a outra, em uma relação de alteridade.

Nesta cena, as duas Marias tem uma conversa informal sobre suas lutas diárias na militância. Segundo Bronckart (2008) o agir nos discursos revelam o grau de alteridade a partir das condições de interação local e pelas estruturas macrossociais e o modo como estes discursos contribuem para a produção, legitimação ou contestação das relações de poder e dominação na sociedade.

Os marcadores discursivo, bem como o léxico dessa comunidade de prática, na fala dessas duas mulheres, apontam sua ideologia política e concepções de desigualdade de gênero, a mulher sentindo-se fraca diante de situações conflituosas, expondo-se para uma outra mulher em uma cena íntima, a palavra “resistência” gera o sentido de alguém que resiste a uma força no campo simbólico que tanto pode apontar para o posicionamento político e a crise atravessada pelo PT, como também para sua condição de sexo-gênero que ocupa um lugar onde lhe exige a determinação para resistir ocupando o lugar de tribuna, “naturalmente” atribuído como lugar de honra ao sexo masculino.

### **Cena III: O corpo sexualizado a mercê da dominação masculina?**

A cena que descreverei agora aconteceu em uma reunião formal com a diretoria do PT em comemoração ao aniversário do partido.

Maria Souza toma a palavra:

“Bom dilma” companheiras e companheiros, estou muito feliz por estarmos aqui reunidas e reunidos, porém a situação é muito séria, no dia da votação para a saída da nossa querida presidenta, precisamos nos organizar, colocar essa mulherada nas ruas,



vamos fazer cartazes e faixas, vamos chamar atenção da imprensa, vamos dizer que aqui as feministas têm poder, tem voz, vamos todas de vermelho, as que gostam de usar batom, que ponha o seu vermelho “boca louca”.

Maria Souza é uma jovem de 31 anos, estudante de serviço social na UFAM, tem cabelos compridos e loiros, é natural de Parintins, atuava no partido como simpatizante, e há 6 meses se filiou. Gosta de estar sempre bem maquiada e bem arrumada nas reuniões e encontros do partido.

Maria Núbia se pronuncia:

“Mana, assim também já é de mais né? Eu acho que nem precisa de tanto “apalhaçamento”, eu sei que é só uma sugestão, mas só de sermos muitas mulheres, já vai chamar atenção. A gente fica lá na praça da catedral fazendo o bandeiraço”.

Maria Núbia é uma trabalhadora rural, de 45 anos, é filiada desde os 18 anos de idade, começou na militância muito cedo, é uma mulher muito séria e rígida, eu comparo-a com o mesmo perfil da Maria Lúcia, que é uma das filiadas mais antigas.

Maria Souza se pronuncia:

“Acho que vai de cada uma, a escolha da nossa “roupa de guerra” pode ser que nem importe, mas eu, queridas, eu adoro chamar atenção. Sabe, para quebrar aquele estigma de que as feministas são todas “machudas” porque nem todas são, eu gosto de ir para o enfrentamento bem arrumada, isso me faz sentir bonita e importante, é luta, é poder feminino, aqui quem comanda somos nós”.

Aqui nesta cena apresentada, observamos que o foco do discurso entre as mulheres é sobre suas vestimentas, ou seja, sobre seus corpos, a relevância maior é chamar atenção para sua luta política utilizando também a função sexualizada de seus corpos como apetrecho para “chamar atenção da imprensa”.

Segundo Bourdieu (2007) a constituição da sexualidade enquanto tal que encontra sua realização no erotismo nos fez perder o senso da cosmologia sexualizada, que se enraíza em uma topologia sexual. O corpo socializado está sempre revertido de significação social, seus movimentos e deslocamentos.

Nesta passagem me reporto ao que Bourdieu chama de “ordem social”, e ratifica a dominação masculina as atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos, é a estrutura do espaço, “opondo o lugar de assembleia aos homens, e a casa, as mulheres” (BOURDIEU, 2007, p. 18). Neste sentido, o mundo constrói o corpo como realidade sexuada e como depósitos de princípios de divisão sexualizantes.

Este programa social de princípios de percepção incorporada, aplica-se a todas as coisas, inclusive ao corpo. Este princípio de visão que é estigmatizado sobre nossos corpos, nos faz emergir sobre ele e reproduzir as imagens idealizadas dos corpos que se apresentam como *apetrechos* da subordinação de beleza heterossexista para nos elevar a um lugar de “prestígio”, ou um lugar que não nos pertence.

A vestimenta nesta cena é um *coquestismo* feminino, nas palavras de Simone de Beauvoir (1949); entendendo "feminilidade" como uma construção, a teorização de Beauvoir é levada a compreensão que parte de duas signiicações de feminino dentro do paradigma patriarcal, uma como essência e a outra como código de regras comportamentais sexo-gênero.

Se este corpo feminino quer ocupar um lugar de assembleia ou de prestígio, então ele precisa emergir no mundo das significações e construções simbólicas, pois contra esta ordem de dominação masculina, o corpo feminino que ocupa o lugar predominantemente masculino “deve garantir” sua posição de diferença biológica, ou seja, masculino e feminino, “a diferença anatômica dos corpos e seus movimentos, matrizes universais que estão submetidos a um trabalho de construção social” (BOURDIEU, 2007, p. 20).

A distinção sexo gênero e própria categoria sexual parecem pressupor uma generalização do corpo que preexiste a de seu significado sexuado. Este corpo sexuado para ser mantido a uma significação externa em relação a ele, neste caso nossos corpos são passivos de uma fonte cultural que representa externamente. Segundo Bourdieu (2017), a dominação masculina encontra assim todas as condições de seu pleno exercício e aqui, nesta cena fica claro a reprodução desse estigma, para essas mulheres.

#### **Cena IV: Posicionamento e o poder: “ Machistas não passarão”.**

A cena seguinte aconteceu na mesma reunião após as Marias se pronunciarem a respeito das roupas que iriam usar no enfrentamento; um companheiro pede a palavra.

Francisco Silva se pronuncia:

“Bom dia, olha, sou a favor da manifestação e da organização de vocês mulheres, mas tudo para vocês é motivo de briga, uma fica com inveja da outra, é pela roupa, é pelo cabelo, eu acho que não é por aí, não. A própria mulher é machista com ela mesma, vocês devem focar no ponto central, ou então vestir a blusa do PT, se for pra discutir sobre roupa, então fiquem em casa”.

Maria Lúcia se pronuncia:

“Eu peço a palavra para responder ao companheiro que está invertendo nossas falas. Senhor, isso que você está fazendo reproduz o tipo de violência que nós mulheres lutamos contra; é claro que nem todas as mulheres tem o mesmo pensamento de nós, que estamos na luta, mas essa sua fala é machista, reproduz violência e machistas não passarão”.

Em seguida, todas as mulheres aplaudem a companheira Maria Lúcia, e repetem o jargão; “machistas não passarão”.

Nesta comunidade de prática, as mulheres como agentes de poder exercem funções sociais que lhe concedem poder de fala, mas isso não significa que não exista oposição entre o poder que o homem “naturalmente” emana sobre nossos corpos e nossas vidas, sob as condições históricas e culturais. “As mulheres agem dentro deste processo como resistência, ou seja, com o exercício de um contrapoder, o que, a seu turno, pode tornar o poderoso menos poderoso, ou até mesmo vulnerável” (DIJK, 2012, p. 43).

O problema que Dijk nos traz a luz é que, não necessariamente estas mulheres assumam um papel de poder, como minhas interpretações apontam para uma reprodução de dominação masculina até mesmo nesta comunidade de prática, onde nós mulheres temos direito ao posicionamento, mas há algumas mulheres que revelam um poder maior sobre as outras, pois quanto menos poderosa for uma pessoa, menor o seu acesso a fala.

Maria Lúcia é uma mulher poderosa e corajosa, ela puxou o jargão, “machistas não passarão” enquanto que as outras mulheres sentiram o mal estar pela fala do companheiro, mas ficaram em silêncio. “Ficam restritas a uma posição de sem-poder, pois os sem poder não tem nada para dizer” (DIJK, 2012, p. 44).

O jargão “machistas não passarão”, nesta cena se mostra como uma injúria sexista, bem como se um homem nos chamasse de mulherzinha, gay, bicha ou machuda, é uma injúria como qualquer outra injúria. Essas injúrias possuem um nome que funciona como uma definição, uma nomeação que o ator discursivo assume e garante essa performance discursiva, revelando em seu posicionamento relações de poder, aqui sim eu definiria esta cena como um “duelo inglório” expressão de Simone de Beauvoir (1949).

### **Cena V: A mulher e o poder da palavra.**

A cena V acontece em uma sala de aula, uma professora militante tira alguns minutos antes da sua aula para falar sobre o fechamento de um museu, que foi noticiado em todos os veículos de comunicação em nosso país.

Maria Felícia se pronuncia:

“Boa noite, antes de começar a aula de hoje, eu gostaria de falar um pouco sobre os últimos acontecimentos vergonhosos em nosso país. A universidade está congelada, existe uma certa apatia que congela todos nós, diante de tanto absurdo que atravessa nosso país, estamos caminhando para a barbárie e ninguém faz absolutamente nada, parece que ninguém se incomoda. Estamos fechando museus, daqui a pouco vamos queimar livros? Eu lamento muito, eu sinto uma total desesperança, porque tudo, absolutamente tudo que está acontecendo hoje, foi o que eu sempre lutei contra”.

Ela levanta o olhar, com brilho nos olhos que pareciam lágrimas, e voz com entonação mais grave que o normal, e completa sua fala;

“Parece que tudo que eu fiz, toda minha luta, em toda minha vida, desde minha adolescência, foi um retumbante fracasso”

Em seguida, ela tira os óculos sutilmente, limpa os olhos e põe os óculos novamente, após, alguns minutos em silêncio. Ninguém na sala se pronunciou, apenas eu, chorei em resiliência, eu fui tomada pela emoção daquela fala sincera, porque ali não era a professora de literatura, era a mulher, militante, ativista social.

Aquele discurso poderoso deixou as pessoas, sem palavras, e por mais que muitos não se importassem com o que estava sendo dito, o poder das palavras tocou aquelas pessoas, onde eu chorei e o restante da sala ficou literalmente em silêncio. Respeito? Poder? Persuasão? Choque de realidade? A fala de Maria Felícia foi um dos discursos mais sinceros que até hoje, eu, já ouvi.

Maria Felícia é professora de literatura do magistério superior, é doutora em educação, filiou-se ao partido quando ainda era uma jovem universitária, ela nunca fala sobre sua posição política partidária em sala de aula, mas seus posicionamentos deixam claro o seu engajamento na política, é uma mulher de voz grave, entonação forte, soa respeitosamente e ao mesmo tempo, revelam uma mulher extremamente poderosa, inclusive poder de persuasão.

Segundo Trindade e Laplantine (2011) nas instituições de ensino, como em uma sala de aula, os símbolos que sinalizam o poder hierárquico entre professores e alunos são bem marcados pelos espaços das cadeiras e da mesa do professor. Esse signo não é meramente de poder hierárquico, mas é simbólico a medida que os sentimentos de dominação, as normas reguladoras da obediência, da aceitação e do afastamento dos alunos em relação ao professor, fazem este ambiente favorecer o discurso professor.

Nem sempre isso é possível, visto que a sala de aula de uma universidade é um espaço democrático, ensino secundário e ensino superior ainda comportam os mesmos signos de dominação, mas as condições materiais são diferentes. Neste caso, é possível analisar o exercício de poder quanto ao seu domínio ou abrangência de ação e tipo de influência. “Algumas instituições e seus integrantes líderes, como professores podem realizar atos discursivos que afetam, por inteiro, países, estados, cidades ou grandes organizações” (DIJK, 2012, p. 55).

Todo ato de linguagem emana de um sujeito que apenas pode definir-se em relação ao outro, segundo um princípio de alteridade, nessa relação, a atriz discursiva não cessa de trazer o outro para si, segundo um princípio de influência, para que esse outro pense, diga ou aja segundo a intenção daquele. “Princípios de influência e regulação são fundadores do ato de linguagem que inscrevem em um quadro de ação, em uma praxiologia do agir sobre o outro” (CHARAUDEAU, 2008, p. 16).

A professora assumiu um discurso performático onde não só demonstrou emoção como também promoveu a comoção nos alunos; performático porque assumiu um outro papel e um novo discurso, a sua posição ideológica e sentimento de comoção.

Todo signo é ideológico como afirma Bakhtin (1988). O signo e a situação estão indissolúvelmente ligados, nessa perspectiva, há uma reciprocidade entre a palavra e o contexto (situação social) aluno e professor, mulher e poder discursivo, a palavra por ser ideológica por natureza, acompanha todos os atos de compreensão e de interpretação da vida humana.

Para Bourdieu (2007) a linguagem exerce um poder e constitui em um tipo de instrumento que sob o mundo é capaz de transformar e modificar uma sociedade. Em sentido mais amplo, o discurso performático da professora que assume o papel de militante, reúne as condições de produção e incluem o sujeito sócio histórico e ideológico. Em uma formulação ideológica dada a partir de uma posição dada a uma conjuntura sócio histórica dada, determina o que pode e o que deve ser dito em um determinado espaço, como o da sala de aula.

A professora, mulher e militante não levantou a bandeira do partido, mas se posicionou a partir de seu discurso. Assim, a atriz discursiva mede as suas palavras antes de falá-las, levando em consideração, sua posição de professora, o momento de fala e o lugar de onde se fala.

### **Cena VI: Quem fala, quando fala e onde fala.**

A cena a seguir acontece na sede do sindicato dos trabalhadores rurais, onde comemorávamos o aniversário do ex presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Foi organizada uma festa, as mulheres enfeitaram o local com bandeiras vermelhas, havia muita comida e um bolo vermelho com a estrela do símbolo do PT.

A protagonista desta cena é Maria Felícia e, neste dia seu posicionamento político ficou escancarado, ela discursou como uma petista, uma militante:

“Bom dia companheiros e companheiras, é um prazer estar aqui reunida com vocês, para celebrarmos a nossa estrela maior, o aniversário do nosso companheiro e signo político, Lula. Hoje estamos passando tudo que já havíamos conversado que aconteceria, os erros que o partido cometeu, as alianças com partidos que acabaram por deturpar a integridade daquilo que um dia a nossa estrela construiu. (se referindo ao ex presidente Lula). Estou disposta a reconstruir o partido porque acredito em sua história, eu me filiei ainda muito jovem e sempre fui atuante, e depois do golpe que sofremos em 2014, quero dizer que estarei sempre de prontidão para qualquer manifestação, vocês companheiros, tem o meu total apoio”, E termina sua fala dando “viva ao partido dos trabalhadores e trabalhadoras”.

Nesta cena que se passa dentro da sede do sindicato dos trabalhadores, Maria Felícia adequou seu discurso. Neste sentido, “revelam-se os dispositivos que tem como característica colocar o dito em ralação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro, o que é dito de um modo com o que é dito de outro” (ORLANDI, 2013, p. 54). Neste lugar ela pode falar como militante e como petista. A existência dos espaços de discussão que favorecem o discurso político da mulher que adequa perfeitamente à ocasião

De acordo com Paveau (2013), a atriz discursiva faz uso da memória coletiva e memória histórica, pois é parte integrante do partido que sofreu o golpe de Estado em 2014, a atriz discursiva recorda essa memória coletiva e social e, por tanto histórica, ela tanto pode usar essas expressões “golpe”, “estrela maior” como tem plena consciência do que pode ser dito naquele espaço, mantendo sua finalidade específica de militante e filiada ao PT, suas práticas discursivas revelam o léxico de suas práticas sociais.

## 8. Quando as cortinas ainda não se fecham

As práticas socioculturais das mulheres do PT revelam atrizes discursivas passivas a discursos performáticos que incidem em suas posições sociais, as professoras, a presidenta, as estudantes, a trabalhadora rural, cada uma delas com uma marca própria que se apropria do espaço e do momento para definir suas interações socioculturais de fala, prestígio e de poder.

Assim também nos revelaram mulheres e sujeitos políticos cujos posicionamentos e deslocamentos de seus corpos ainda são incapazes de uma emancipação, ao contrário e longe disso. As mulheres dessa comunidade de prática reproduzem os elementos que conduzem as interferências do problema do corpo e do sexismo biológico em si.

O sujeito feminista que se revela poderoso, ao mesmo tempo incapaz de se desprender totalmente do que a nossa condição milenar nos permeia. Nossos corpos sexualizados, sendo utilizados como apetrecho para chamar atenção midiática, para nossa luta política, nos faz refletir, como e quando nos libertaremos desses estigmas que a sociedade forjou para nós como verdade?

Quem se apresenta é a mulher que toma o lugar de prestígio do homem, o lugar de assembleia que não nos pertence, ficou evidenciado pelas interações que estreitaram essa relação de dominação masculina. O corpo e a forma como ele se apresenta é uma forma de posicionamento político, como afirma Butler, mas ao mesmo tempo que isso se revela, revela também o macho como privilegiado, sem medo de falar ou opinar sobre nossos corpos, como se esse não nos pertencesse de fato.

A reprodução das regras comportamentais e culturais que nossos corpos desempenham em espaços públicos e privados, estão fadados a carregar a nossa sexualidade tal qual a biologia e o pensamento heterossexista estipula, exceto algumas dessas mulheres que, a revelia, resistem a certos padrões de vestimentas e padrões de beleza heterossexista.

Esta pesquisa revelou aos meus questionamentos que é possível o gênero feminino se revelar na linguagem, o que foi indicado pela memória discursiva das mulheres, que é atravessada pelo sujeito histórico, em relação a condição de seus corpos e suas funções na sociedade, como mães e donas de casa, um discurso que só mulheres podem reproduzir na alteridade.

O que implica as relações de poder nesta comunidade de prática, não é sexo-gênero, mas outras condições externas a estes fatores, como no caso de conhecimento dos

direitos civis; e enquanto a mulher se reconhece como sujeito protagonista do feminismo, levantar a voz a um homem, em tom de protesto, como ato de coragem, nem todas as Marias demonstraram estas características; algumas ainda se mantêm resignadas, passivas e omissas. Relações de poder implica posição de prestígio, aquela que fala bem, aquela que conhece as leis, aquela que têm um status social elevado.

A materialidade discursiva, a função da comunicação, a importância das nossas vozes para este trabalho etnográfico, apontaram várias lacunas que ficarão ainda em aberto. Seríamos nós, mulheres feministas capazes de não reproduzir a injúria e a violência sexista, ou a agressão sexista da qual Simone de Beauvoir chamara de “duelo inglório?”

A política partidária concede à mulher um lugar de prestígio? Pelos apontamentos da nossa pesquisa, esta lacuna há de ser fechada em outro momento, mas para começar, iniciamos esse trabalho discutindo abertamente e sem temor, o papel da mulher no espaço público, e o engajamento na política partidária.

A mulher como sujeito do feminismo ainda carrega consigo inúmeros conflitos que estão longe um desfecho, porque nunca se esgotam as possibilidades de realização de atrizes discursivas que se dizem feministas. Queremos falar e sermos ouvidas, queremos que nossas vozes e nossos corpos sejam *para si*, e como vimos no *corpos* deste trabalho, não é o que se apresenta.

Estamos resignadas aos nossos corpos, estamos resignadas a um padrão de comportamento que nos mantém longe de resolver o “duelo inglório”. Ainda há aquelas que não se consideram feministas, mas que estão na política por necessidade, por terem algum direito negado, seja na sua infância ou na vida adulta. Essas mulheres, são diferentes, vem de lugares diferentes, possuem status sócio econômicos e culturais diferentes, mas todas, pelo mesmo motivo, foram a razão pela qual norteiei minha escolha, somos mulheres.

Somos mulheres, somos esposas e mães, somos estudantes e professoras, somos trabalhadoras rurais, e ativistas sociais. Nossas vozes e nossos corpos, nós queremos *para si*, e não para o outro. Podemos transcender a nossa existência a partir da nossa consciência de estar no mundo, e a biologia não basta para definir quem nós somos, onde queremos chegar, o que iremos vestir, sobre o que iremos falar e sobre quais espaços nossos corpos ocuparão neste mundo sexualizado.

A relação linguagem e gênero se estabelece nas formas de posicionamentos políticos e em nossas escolhas, bem como nos marcadores discursivos que são



interpelados pela memória histórica das mulheres, que nos faz reproduzir, nesta comunidade de prática, padrões heterossexistas, bem como o corpo enraizado e confinado na materialidade biológica do sexo.

## 9. REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 5. Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRONCKART, Jean Paul. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 9. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COSTA, Nelson Barros da. **Análise do discurso**. Ceará: Instituto UFC virtual. 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Trad. Fabiana Komesu, Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2008.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e poder**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2012.

ECKERT, Penelope; McCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder, *in*: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. **Linguem. Gênero. Sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FISHMAN, Pamela M: O trabalho que as mulheres realizam nas interações, *in*: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. **Linguem. Gênero. Sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, ps. 32- 102.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antônia. **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**. Teoria, Método e Criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLINA, José Artur. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Helena Silva. **Metodologias Feministas e Estudos de Gênero**: articulando pesquisa, clínica e política. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos 1995.

ORLANDI, Eni P. **A linguem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6. ed., São Paulo: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, Eni. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

PEDROSO JÚNIOR, Neurivaldo C. Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. **Revista Encontros de Vista**, n. 5, p. 9-20, jan./jun., 2010. Disponível em: <[http://encontrosdevista.com.br/jan\\_jun10.html](http://encontrosdevista.com.br/jan_jun10.html)>. Acesso em 05/11/2017.

ROCHA, Ana Luisa Carvalho da; ECKERT, Conelia. **Etnografia**: saberes e práticas in Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ROLO, Maria do Carmo Sá Teles de Araujo; MOTA, Jacyra Andrade. **Um estudo sociolinguístico**: O apagamento de vogais finais em uma localidade rural Bahia. Estud. King, Londrina, p. 311-334, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRINDADE, Liana; LAPLANTINE, François. **O imaginário literário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

VASCONCELOS, Vanessa. **Os (des)caminhos da mulher:** a questão da feminilidade e seus desdobramentos até Freud. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de São João del Rei. São João del Rei, 2015.